

OS INTELLECTUAIS E O ESTADO: A EXPERIÊNCIA DO PERONISMO E DO ESTADO NOVO

Diana Irene KLINGER¹

- RESUMO: Este ensaio focaliza as relações entre Estado e cultura, especificamente a ligação dos intelectuais com o poder estatal durante os governos populistas de Vargas e de Perón, a partir do estudo de escritores argentinos e brasileiros. Apesar das similitudes nas políticas culturais de ambos os governos, a participação dos intelectuais é bem diferente num e noutro: enquanto no Brasil existe uma aliança entre os intelectuais e o Estado, na Argentina existe uma mútua rejeição. A nossa hipótese é que para entender as causas possíveis dessa diferença, devemos levar em consideração um terceiro fator: as massas. A articulação destes três elementos produz uma configuração política e cultural específica na história do Brasil e da Argentina.
- PALAVRAS-CHAVE: Escritores argentinos; escritores brasileiros; peronismo; Estado Novo; massas.

Introdução

O Estado Novo e o primeiro governo de Perón são momentos-chave tanto na história do Brasil quanto na da Argentina, pois neles se desenha um novo projeto nacional, cujas conseqüências marcaram a cultura e a política destes países de maneira irreversível. Pelo menos duas características básicas aproximam esses projetos: o fato de se impor uma modernização por via autoritária e a tentativa dos governos de incorporar as classes trabalhadoras na vida política. Porém, chama a atenção que sendo dois governos com características semelhantes, eles se diferenciam radicalmente na relação que estabeleceram entre Estado e cultura.

Pensar a cultura no contexto desses projetos nacionais implica levar em consideração três variáveis interrelacionadas: o Estado, os intelectuais e as massas. A hipótese é que, enquanto ambos os governos são populistas e se baseiam na aliança do Estado (personificado numa figura paternalista) com as massas, Vargas alia-se também com os intelectuais, enquanto Perón mantém uma grande distância deles. Tentaremos aqui analisar as causas desta diferença na política de ambos os governos, partindo da articulação entre estas três entidades mencionadas: os intelectuais, o Estado e as massas. Analisaremos estas relações a partir dos casos de Mário de Andrade e

¹ Doutoranda em Literatura Comparada – Instituto de Letras – UERJ - 20559-900 – Rio de Janeiro – RJ. Pesquisadora da Universidade de Buenos Aires – Cátedra de Literatura Brasileira e Portuguesa – dianaklingler@yahoo.com

Carlos Drummond de Andrade e, na Argentina, Jorge Luis Borges, Victoria Ocampo, Ernesto Sábato e Arturo Jauretche.

Vargas-Perón e as massas

Com quase uma década de diferença, o peronismo² parece ter tido que enfrentar problemas semelhantes aos do Estado Novo: um país desintegrado e a existência de uma classe trabalhadora excluída da vida política, e percebida como ameaça pela classe dominante. Já anos 30, com o processo de substituição de importações, a industrialização e a urbanização, uma massa de trabalhadores começa a se organizar para reclamar seus direitos; porém, o giro fundamental só se dará com a chegada de Perón ao poder. A tal ponto o peronismo influencia a cultura e a política argentinas que todo o processo anterior é pensado em relação a ele. Assim, boa parte da literatura considera os anos 30 somente como preparação das condições sociais que tornaram possível o peronismo. A década de 30 é conhecida como “década infame”, uma época de trevas, marcada pela fraude eleitoral e pela intensificação da dependência econômica da Inglaterra e dos Estados Unidos. No entanto, como assinala Federico Neiburg, em contraste com o retrato sombrio da época, os anos 30 foram a época de consolidação de um mercado editorial, um período de expansão dos meios de comunicação de massa, como o rádio e a imprensa, de formação de um novo jornalismo e uma nova literatura e da constituição de uma variante moderna do escritor profissional. Nessa época também se cristalizaram algumas vanguardas dos anos 20, em torno de novos círculos intelectuais, novas revistas e instituições (NEIBURG, 1997, p. 12-30). Este outro retrato dos anos 30 é bem parecido com o brasileiro, tal como o descreve, por exemplo, Renato Ortiz (1999, p. 38-76).

Entre os anos 20 e 30, as vanguardas argentina e brasileira parecem ter percorrido –apesar de suas enormes diferenças – um percurso semelhante. Jorge Schwartz (1993, p. 59 - et seq.) assinalou as semelhanças entre o modernismo brasileiro dos anos 20, especialmente de *Klaxon* e da *Revista de Antropofagia*, com a vanguarda argentina de *Martin Fierro* e a poesia de Oliverio Girondo. Nos anos 30, os projetos estéticos das vanguardas de ambos os países se tornam projetos políticos, como assinala João Luis Lafetá (1974) a respeito do modernismo brasileiro, e como também aponta Sílvia Saítta em relação à vanguarda argentina:

² A palavra peronismo “serve para nomear o movimento político nascido em meados da década de 1940, identificado com a figura do coronel Juan Perón; para qualificar o período da história da Argentina que se inicia em 1945 e termina em 1955 [...]; para designar o partido político criado por Perón logo após sua vitória nas eleições de 1946 e que sobrevive até hoje com outras denominações; para fazer referência à identidade política dos que, desde aquela época, invocam sua figura e recordação de seus governos para legitimar diferentes posições no campo da política. O adjetivo **peronista** também serviu, e hoje ainda serve, para descrever uma doutrina política, um tipo de governo, uma forma de discurso” (NEIBURG, 1997, p. 14).

El cierre de Martin Fierro, la principal revista de vanguardia de los años veinte, dejó un espacio vacío que propuestas similares buscarían ocupar. Pero en los treinta, la idea de sostener una revista que, como Martin Fierro, propusiera un modelo de intervención en el cual se excluyera la representación de los principales debates políticos, resultó inevitable. (2000, p. 397)³

Essa politização da vanguarda não se deu por acaso: diante dos acontecimentos mundiais (a ascensão do fascismo, a consolidação do comunismo na URSS, a Guerra Civil Espanhola, e depois a Segunda Guerra Mundial), as posições dos intelectuais só podiam ser extremas.

O debate político nacional girava principalmente em torno do problema da integração, quer dizer, não só da integração territorial, mas também da integração de todas as classes sociais. Existia uma nova massa de trabalhadores, produto da industrialização e da urbanização que precisava ser incluída na vida política nacional, e seus reclamos deveriam ser encaminhados a partir do poder, para evitar o que se considerava o “perigo comunista”. Essa foi uma das preocupações centrais dos intelectuais: o que fazer com as massas? Posicionar-se em relação ao peronismo ou ao Estado Novo implicava necessariamente assumir uma posição a respeito das massas. Lucia Lippi Oliveira assinala que: “para compreender a complexidade ideológica da década de 1930, temos que nos lembrar que a grande questão da época era a visibilidade das massas. Elas se apresentam como o desafio para todos que, à direita e à esquerda, supunham saber como organizá-las e comandá-las” (OLIVEIRA, 2001, p. 41). Para resolver a questão da integração, Vargas enxergou a necessidade de se aliar à elite intelectual. Ao contrário do que freqüentemente se pensa, trata-se mais de uma aliança do que de “cooptação”, pois este termo indica que a parte supostamente “cooptada” é passiva e não tem força suficiente de se opor ao poder. Nem todos os intelectuais que trabalharam no regime o apoiaram de “corpo e alma”: alguns participaram do projeto estatal, mas outros procuraram o Estado apenas como mecenas. Como assinala Milton Lahuerta (1997), a exigüidade do mercado e as dificuldades de profissionalização nos anos 30 levaram uma parcela dos intelectuais a aproximar-se dos organismos culturais do Estado Novo. Eles se diferenciam daqueles que aderiram ao projeto estatal certos de que, por meio dele, estariam realizando uma missão com caráter público: a modernização como uma forma de criar a Nação.

Em contraste com o panorama brasileiro, na Argentina, os intelectuais tiveram uma relação de confronto com o Estado especialmente com a figura de Perón⁴. Basta

³ Martin Fierro exclui a política do campo dos seus interesses por “razões de especialidade” segundo a nota editorial do oitavo número. No entanto, vários **martinfierristas** apoiaram a candidatura de Irigoyen em 1927.

⁴ Só depois, em 73, vários intelectuais da esquerda aderiram ao peronismo. É o caso de Julio Cortázar e David Viñas, como assinala Angel Rama (1984).

citar o exemplo dos mais reconhecidos intelectuais da época, todos eles anti-peronistas: Jorge Luis Borges, Vítoria Ocampo, Ernesto Sábato, Ezequiel Martínez Estrada, e uma longa lista. Até tal ponto esse confronto impregna a história das idéias na Argentina, que Tomás Eloy Martínez chega a afirmar em 1991: “*La historia del último medio siglo en Argentina es, en el fondo, la historia del duelo a muerte entre Borges y Perón*” (MARTÍNEZ, 1999, p. 57). Obviamente existiram intelectuais que se consideravam **nacionalistas populares**, e que apoiaram Perón, mas estes intelectuais ficaram numa situação paradoxal, pois o populismo “à peronista” se auto-considerava anti-intelectual, uma vez que a intelectualidade era vista como burguesa, elitista. O caso de Arturo Jauretche é um exemplo desse paradoxo, como assinala Federico Neiburg:

Jauretche foi um intelectual e um político empenhado em lutar contra intelectuais e políticos. E o uso – a construção – de uma linguagem **nacional e popular** foi a maneira que encontrou para ‘explicar’ a realidade aos seus pares – com os quais debatia – e ao próprio **povo**, a quem declarava destinar suas obras. (NEIBURG, 1997, p. 55 - grifos do autor)

Isto significa que, havendo intelectuais trabalhando no projeto peronista, eles se recusaram a se considerar “intelectuais”. Em carta aberta a Ernesto Sábato, Jauretche escreve: “*Considere estas líneas como las objeciones modestas de un hombre que ha vivido bastante el proceso político de su país, ya que me considero excluido del riesgo de pasar por intelectual...*” (SARLO, 2001, p.169 - grifo meu)

Do outro lado, e em grande maioria, estão os intelectuais antiperonistas, cujo exemplo paradigmático é Victoria Ocampo, personagem central da elite intelectual dos anos 30 e 40, escritora, crítica e mecenas da cultura. Victoria Ocampo financiou uma das instituições culturais mais importantes do país, a revista *Sur*, fundada por ela em 1931 e publicada regularmente até 1970, que representou (tanto para seus editores quanto para seus adversários) uma das mais altas e representativas expressões da **cultura liberal** do país. Dela participavam Adolfo Bioy Casares, Jorge Luis Borges, Silvina Ocampo, Eduardo Mallea, Ezequiel Martínez Estrada, ou seja, a cúpula intelectual argentina. *Sur* sempre manteve uma posição antitotalitária, tanto nos anos 30, quando não era tolerada pelo governo (uma aliança entre Igreja e militares) quanto na época peronista. Os escritores de *Sur* consideravam que a manutenção dos valores culturais era responsabilidade de uma minoria seleta e afastada dos espaços de poder (GRAMUGLIO, 2000, p. 345).

O número 237 de *Sur*, de novembro-dezembro de 55 (quando já tinha triunfado a revolução e o governo de Perón tinha sido derrocado), é representativo da postura intelectual antiperonista, que considerava a década peronista como irracional, uma época de falsa liberdade, como vemos nos representativos artigos de Victoria Ocampo, Sábato e Borges. Nesse número, Victoria Ocampo, escreve um artigo “*La hora de la*

verdad”, em que se refere a sua experiência na cadeia durante o governo peronista. Segundo ela, era tal o grau de censura, de policiamento e de repressão, que se vivia num estado de “perpétua violação (...) da correspondência, da lei, da liberdade de pensamento, da pessoa humana”. Victoria Ocampo (apud SARLO, 2000, p. 119) julga o regime em termos de verdade/mentira:

Moralmente, bajo la dictadura, uno se sentía más libre en la cárcel que en la calle. Y se sentía uno más libre porque allí se vivía más cerca de la verdad (...) En la cárcel, uno tenía por lo menos la satisfacción de sentir que al fin tocaba fondo, vivía en la realidad. La cosa se había materializado. Esa fue mi primera reacción: ‘Ya estoy fuera de la zona de falsa libertad; ya estoy al menos en una verdad’.

Borges (apud SARLO, 2000, p.122), em um “precioso” artigo (“precioso” por ser uma das poucas ocasiões em que escreve diretamente sobre política), faz um detalhado relato sobre os acontecimentos que levaram Perón ao poder, avaliando tudo como uma ficção cênica:

El día 17 de octubre de 1945 se simuló que un coronel había sido arrestado y secuestrado, y que el pueblo de Buenos Aires lo rescataba (...) En un decurso de diez años las representaciones arreciaron abundantemente; con el tiempo fue creciendo el desdén por los prosaicos escrúpulos del realismo...

As posições de Jauretche a favor do peronismo, por um lado, e as de Victoria Ocampo e Jorge Luis Borges contra o peronismo, por outro, ainda que sendo contrárias, coincidem em mostrar as péssimas relações entre o peronismo e a intelectualidade, que ficaram conhecidas na história pelo famoso *slogan* peronista “alpargatas sim, livros não”. Veremos o confronto entre essas duas posições mais adiante, numa polêmica estabelecida entre Ernesto Sábato e Arturo Jauretche.

Os intelectuais e o Estado: os *clercs*

Na verdade, a atitude dos escritores de *Sur* era menos a de se oporem ao governo que a de se considerarem à margem das lutas do poder e da política. Segundo Victoria Ocampo (apud SARLO, 2000, p. 121), a função do intelectual consiste em

conducir al mayor número posible de hombres ‘al reconocimiento, no sólo en palabras, sino también en actos, de la importancia fundamental de eso que prima sobre todo y que sin embargo es constantemente olvidado: la verdad’ (...) Los intereses de clase, de partidos, de naciones, no deben jamás obstaculizar el cumplimiento de tan sagrada misión.

Obviamente, devemos suspeitar dessa aparente neutralidade em favor da verdade. A “verdade”, nos termos de Victoria Ocampo, nada tem a ver com uma pretensa

objetividade científica, mas **verdade** equivale ao discurso dos intelectuais antiperonistas e **mentira** ou **falsidade** equivale ao discurso peronista, como fica claro no citado artigo “*La hora de la verdad*”.

Essa atitude, que se pretende afastada dos interesses mundanos, caracteriza todo o grupo de *Sur*, quando eles falam como intelectuais ou como escritores de ficção. Por exemplo, quando a revista *Contra* fez uma pesquisa entre escritores, com a seguinte pergunta “A arte deve estar a serviço do problema social?”, a resposta de Borges foi especialmente polêmica, porque ele se recusou a considerar os termos da pergunta: “*Hablar del arte social es como hablar de geometría vegetariana o de artillería liberal, o de repostería endecasílaba*”. (SAÍTTA, 2000, p. 410)⁵

Essa posição que assumem Victoria Ocampo e Borges, e que é representativa da atitude da elite social e cultural argentina, responde a um conceito de cultura como valor universal, que o intelectual cultiva à margem dos interesses políticos. É curioso, no entanto, que também os intelectuais brasileiros, que participaram no governo de Vargas sustentem esse mesmo conceito a-histórico da cultura. Quer dizer: de pontos de vista completamente diferentes, tanto os intelectuais argentinos quanto os brasileiros se consideraram a si mesmos em relação com o conceito de *clerc* de Julien Benda.

No seu clássico livro *La trahison des clercs*, de 1927, Julien Benda (apud BOMENY, 2001, p. 12) diz que os intelectuais deveriam ser clérigos modernos, defensores de valores universais, não se envolvendo com a polarização político-ideológica, ou com a mercantilização de suas atividades. “Trair” a condição de *clerc* significa, segundo Benda, o compromisso do intelectual com a política e/ou com o mercado, com o conseqüente abandono dos valores universais. “*Clerc* é todo homem que não se propõe como objetivo imediato um resultado prático, que conserva o culto da arte e do pensamento puro...”

Mário de Andrade, numa entrevista realizada durante a Segunda Guerra Mundial, se refere à responsabilidade que cabe aos intelectuais, retomando os argumentos de Julien Benda. “Demos de barato – diz Mário – que a arte é desinteressada, que o artista é normalmente um ser à parte, um indivíduo que pela natureza de seu *status* pode não ser participante, pode ser um *clerc*. Mas **normalmente** entenda-se”. Nos momentos “anormais”, impõem-se, segundo Mário de Andrade, “mil sacrifícios (de que não é o menos doloroso, reconheço, o sacrifício da sua própria arte)” (LOPEZ, 1983, p. 108). A estratégia de Mário, durante as décadas de 30 e 40, consistiu em tentar preservar sua posição de *clerc*, mas cumprindo funções de “conselheiro”. Nas

cartas ao ministro Capanema evidenciam-se suas táticas posicionais. Em 1938, Mário explica ao ministro que rejeita o cargo de Diretor de Teatros porque tinha “projeção excessiva”. Nessa posição de conselheiro isolado, essa mistura de trabalho de investigação e de colaboração é o modo que ele encontra para servir o interesse nacional (AGUILAR, 2003, p. 55 - et seq.). Mário de Andrade, em 1932, assinala a transformação do artista em intelectual (LAHUERTA, 1997, p.95). Essa é a sua idéia de missão, do intelectual que “traí” nos momentos “anormais” a posição – afastada - do *clerc*: o prazer deve subordinar-se às obrigações, à moderação e ao sacrifício, portanto, não é raro que os tempos da vanguarda lhe resultem “imoderados”, entregues ao “puro prazer”, em uma palavra, “inúteis”.

Porém, a avaliação que Mário faz do modernismo em 42, assim como a de Oswald de Andrade (que se dirá “palhaço da burguesia”), difere da avaliação de Getúlio Vargas (apud SEVCENKO, 1992, p. 308), que declarou:

As forças coletivas que provocaram o movimento revolucionário do Modernismo na literatura brasileira, que se iniciou com a Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo, foram as mesmas que precipitaram, no campo social e político, a Revolução de 1930.

Segundo Vargas, a Semana de 22 seria um antecedente dos fatos da revolução de 30, o que só é verdadeiro em relação à modernização. O golpe de 30 e a derrota da oligarquia paulista em 32 debilitaram as elites culturais e econômicas de São Paulo, e os intelectuais e artistas tiveram que negociar sua posição diretamente no seio do Estado (AGUILAR, 2003, p. 58).

Por exemplo, em 1941, Drummond (apud SCHWARTZMAN; BOMENY & COSTA, 2000, p. 42) escreveu sobre Capanema que ele “soube ser, na sua província natal, como está sendo em cenário mais amplo, um intelectual no poder, sem as abdições, os desvios e as inibições que o poder, via de regra, impõe aos intelectuais.”

Por outro lado, as relações entre os intelectuais e o Estado Novo também eram tensas e ambíguas, e essas tensões faziam necessário o apelo às relações de amizade, como, por exemplo, quando, em 1936, Capanema convida Alceu Amoroso Lima para uma conferência no Ministério, à qual Drummond se recusa a assistir e coloca seu cargo à disposição do ministro. A relação de amizade entre eles prevalece e Drummond continua no cargo até o final do Estado Novo (BOMENY, 2001, p.101). As relações entre os modernistas e o Ministério, então, parecem ser sustentadas por uma rede de amizades.

Os intelectuais e as massas

Ernesto Sábato, colaborador da revista *Sur*, no seu livro *El otro rostro del peronismo*, evoca uma imagem que dá conta da distância entre os intelectuais argentinos e o povo:

⁵ Apesar desta ironia, e do fato de Borges sempre ter tentado se manter à margem das paixões políticas, seus contos de 30 e 40 podem ser lidos como resposta ao fascismo que surge na Europa, à consolidação do comunismo na URSS e às desventuras do peronismo e da massificação da cultura. Por exemplo, o conto “*La fiesta del monstruo*”, escrito em parceria com Bioy Casares, faz um retrato decadente e bestial de um grupo de homens de classe baixa que vão à praça assistir ao discurso do *monstruo* (que é evidentemente Perón), e acabam matando brutalmente um estudante judeu.

Aquella noche de septiembre de 1955, mientras los doctores, hacendados y escritores festejábamos ruidosamente en la sala la caída del tirano, en un rincón de la antecocina vi cómo las dos indias que allí trabajaban tenían los ojos empapados de lágrimas. Y aunque en todos esos años yo había meditado en la trágica dualidad que escindía al pueblo argentino, en ese momento se me apareció en su forma más conmovedora. Pues, ¿qué más nítida caracterización del drama de nuestra patria que aquella doble escena casi ejemplar?

Segundo Sábato (1956, p. 40), o que mobilizou o povo a apoiar Perón foi a ânsia de justiça e reconhecimento, o ressentimento acumulado historicamente: o ressentimento do “gaucho” contra a oligarquia, o do imigrante contra a elite que o desprezava e o do povo trabalhador, cujas condições tinham se agravado com o regime implantado em 1930.

Essa explicação cíclica da história era compartilhada também por um peronista como Jauretche. Segundo ele, a história das multidões na Argentina é uma história cíclica de integrações e exclusões, sintetizada por três palavras: lanças, votos e sindicatos. As lanças representavam as *montoneras* do século XIX, lideradas por caudilhos contra a metrópole centralizadora (Buenos Aires). Mas os caudilhos foram derrotados e as multidões voltaram à cena política nas primeiras eleições gerais realizadas em 1916, sob a Lei de Sufrágio Universal, das quais saiu vitorioso Hipólito Irigoyen. Porém ele foi derrubado pelos militares em 1930, e as multidões voltaram somente com os sindicatos, como instrumentos para retomar suas antigas demandas, agora encarnadas num novo movimento: o peronismo.

Contra esta visão, Gino Germani (1962), pai da sociologia argentina, tem uma versão evolutiva da história dos projetos de organização nacional das elites intelectuais e políticas desde a segunda metade do século XIX. Assim, a história social argentina se divide em duas etapas: a primeira começa em 1895, com a chegada de uma enorme massa de imigrantes europeus, e acaba em 1930 com a integração e a “nacionalização” deles. A segunda etapa vai até 1943, ano da ascensão do peronismo, cujas marcas tinham sido a crise da agricultura tradicional e o desenvolvimento industrial, bases da migração do campo para a cidade. Essa nova população que invade os centros urbanos não se integrou na classe média, como tinha acontecido com os europeus, mas formou uma nova classe operária. A falta de integração dos novos grupos é a origem das conseqüências negativas do desenvolvimento e a experiência totalitária do peronismo. Segundo Gino Germani (1962, p. 319), essa integração estava subordinada a três condições: a distribuição econômica, a distribuição cultural e a cidadania política. Na sua opinião, o peronismo tinha dado uma “pseudo-solução totalitária para o problema da integração.”

Porém, além da possível coincidência na explicação cíclica da exclusão das massas, as diferenças entre Sábato e Jauretche são bem mais importantes. Jauretche

escreve uma carta aberta, respondendo ao livro de Sábato, na qual ele nega o ressentimento. “*Lo que movilizó a las masas hacia Perón no fue el resentimiento, fue la esperanza*”. (SÁBATO apud SARLO, 2001, p. 168) Jauretche interpreta essa esperança, deixando clara, mais uma vez, sua posição anti-intelectual: “*Al hombre que no es un intelectual, y por eso razona según el orden de la naturaleza, se le ocurre que en el orden de las demandas humanas, que es el mismo, están primero las alpargatas que los libros*”, aludindo à reação que havia provocado nas filas antiperonistas a consigna “*alpargatas sí, libros no*” (Sábato apud SARLO, 2001, p. 170). O antagonista, para Jauretche, não era a classe média, mas a *intelligentsia* (intelectuais e políticos da esquerda liberal). Ele rejeita especialmente o cosmopolitismo dos intelectuais (que ele chama de “*alienación a los intereses imperialistas*”).

Sem dar razão a esta acusação, devemos salientar que os intelectuais antiperonistas recusam qualquer comunicação com o povo, isolando-se num círculo fechado (é por demais conhecido o horror que Borges, por exemplo, sentia pelas massas: nunca acreditou que elas foram comer seu “biscoito fino”). Foi esse afastamento dos intelectuais frente às massas que produziu a impossibilidade de pensar em algum tipo de participação num governo populista.

Bem diferente foi a relação dos intelectuais brasileiros com o povo. Os modernistas, convidados a participar do governo, tinham já seus interesses na cultura popular. Assim, por exemplo, Mário de Andrade redige em 1938 “as bases para uma entidade federal destinada a estudar o folclore musical brasileiro, propagar a música como elemento de cultura cívica e desenvolver a música erudita nacional” (BOMENY, 2001, p. 108).

Uma tríada complicada

A partir dos aspectos e depoimentos analisados, parece evidente que a relação entre os intelectuais e o Estado nos governos de Vargas e de Perón está solidamente vinculada à relação entre esses intelectuais e as massas, ou seja: a posição dos intelectuais frente às massas determina sua posição frente aos governos. Se o modernismo brasileiro encontrou uma forma de realização política no Estado Novo (com todas as contradições que essa realização implica), foi talvez porque sempre teve, ao mesmo tempo, um lado cosmopolita e moderno e um lado tradicional e popular. A vanguarda argentina, ao contrário, foi composta por uma elite que deu as costas ao povo. Por outro lado, como assinalamos, foram também os laços de amizade que fizeram com que a aliança entre intelectuais e Estado fosse possível no Brasil.

KINGLER, D. I. Intellectuals and the State: peronism’s and Estado Novo’s experiences. *Itinerários*, n. 22, p.103-113, 2004.

- *ABSTRACT: This essay focuses on the relation between culture and the State, more specifically, the relation between the intellectuals and the power of the State during the populist governments of Vargas and Perón, through the study of Argentinean and Brazilian writers. Though there are many similarities in the cultural policies of both governments, the participation of the intellectuals is different in each: in Brazil there is an alliance between intellectuals and the State, while in Argentina there is a mutual rejection. The hypothesis of this study is that we must think of a third factor, the masses, in order to understand this difference. The interaction of these three elements (intellectuals, masses and the State) produces a specific political and cultural configuration in the History of Brazil and Argentina.*
- *KEYWORDS: Argentinean writers; Brazilian writers; Peronismo; Estado Novo; masses; intellectuals.*

Referências

- AGUILAR, G. El regreso de los muertos vivos: o rei da vela de Oswald de Andrade. **Brasil/Brazil**, n.29, 2003.
- BOMENY, H. (Org.). **Constelação Capanema**: intelectuais e políticos. Rio de Janeiro: FGV, 2001.
- GERMANI, G. **Política y sociedad n la época de transición**. Buenos Aires: Paidós, 1962.
- GRAMUGLIO, M. T. Posiciones, transformaciones y debates en la literatura. In: CATTARUZZA, A (Org.). **Nueva historia argentina**: crisis económica, avance del Estado e incertidumbre política (1930-1943). Buenos Aires: Sudamericana, 2000. v.7.
- LAFETÁ, J. L. **Anos 30**: a crítica e o modernismo. São Paulo: Duas Cidades, 1974.
- LAHUERTA, M. Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista, modernização. In: LORENZO, H. C. de.; COSTA, W. P. da (Org.). **A década de 1920 e as origens do Brasil moderno**. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.
- LOPEZ, T. P. A (Org.). **Mário de Andrade**: entrevistas e depoimentos. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983.
- MARTINEZ, T. E. **El sueño argentino**. Buenos Aires: Planeta, 1999.
- NEIBURG, F. **Os intelectuais e a invenção do peronismo**. São Paulo: Ed. USP, 1997.
- OLIVEIRA, L. L. O intelectual do DIP: Lourival Fontes e o Estado Novo. In: BOMENY, H. (Org.). **Constelação Capanema**: intelectuais e políticos. Rio de Janeiro: FGV, 2001.
- ORTIZ, R. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

- RAMA, A. Rodolfo Walsh: la narrativa en el conflicto de las culturas. In: _____ . **Literatura y clase social**. Buenos Aires: Folios, 1984.
- SÁBATO, E. **El otro rostro del peronismo**: carta abierta a Mario Amadeo. 2.ed. Buenos Aires: Paidós, 1956.
- SAÍTTA, S. Entre la cultura y la política: los escritores de izquierda. In: CATTARUZZA, A (Org.). **Nueva historia argentina**: crisis económica, avance del Estado e incertidumbre política (1930-1943). Buenos Aires: Sudamericana, 2000. v.7.
- SARLO, B. **La batalla de la ideas (1943-1973)**. Buenos Aires: Ariel, 2001.
- SCHWARTZ, J. **Vanguardia e cosmopolitismo em la década del veinte**: Oliverio Girondo y Oswald de Andrade. Rosário: Beatriz Viterbo, 1993.
- SCHWARTZMAN, S.; BOMENY, H.; COSTA, V. R. **Tempos de Capanema**. São Paulo: FGV, 2000.
- SEVCENKO, N. **Orfeu extático na Metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos ferventes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

■ ■ ■